



PoEMAS

Versos

Textos para Discussão

PoEMAS

Série Versos em Prosa

Judith Marshall: histórias de luta e militância em Gana, Moçambique, Canadá e Brasil

Rodrigo Salles Pereira dos Santos

2021

v. 5

n. 2

Versos

Textos para Discussão PoEMAS

Pesquisadores

Bruno Milanez (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Lucas Magno (IF Sudeste MG)

Luiz Jardim de Moraes Wanderley (Universidade Federal Fluminense)

Maíra Sertã Mansur (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Raquel Giffoni Pinto (Universidade Federal Fluminense)

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves (Universidade Estadual de Goiás)

Rodrigo Salles Pereira dos Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Tádzio Peters Coelho (Universidade Federal de Viçosa)

Como citar:

Santos, R.S.P. (2021) Judith Marshall: histórias de luta e militância em Gana, Moçambique, Canadá e Brasil. *Versos - Textos para Discussão PoEMAS*, 5(2), 1-31.

ISSN: 2526-9658

Versos

Versos se propõe a trazer textos analíticos que debatam, a partir da perspectiva das ciências humanas, diferentes aspectos do setor extrativo mineral. Esta iniciativa busca estimular a discussão crítica sobre o papel deste setor no desenvolvimento local, regional e nacional no contexto brasileiro.

PoEMAS

O grupo de pesquisa e extensão Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) é um grupo multidisciplinar e interinstitucional formado por acadêmicos que se propõem a refletir sobre as múltiplas interfaces entre o setor extrativo mineral e a sociedade.

Maiores informações:

<http://www.ufjf.br/poemas/>

<https://www.facebook.com/grupoPoEMAS/>

Apresentação



A série “Versos em Prosa” é uma iniciativa de registro e divulgação da experiência de pessoas comprometidas com a ampliação do debate público sobre os efeitos da mineração e/ou no ativismo em favor de seu controle social. Ela surge da compreensão de que o envolvimento na luta social gera um conhecimento tácito muito específico, raramente documentado, e que, por esse motivo, corre o risco de ser perdido.

Para além do olhar sobre a “questão mineral”, nos propomos a apresentar as trajetórias de quem está construindo o debate público. Por isso, optamos pelo formato de entrevistas informais, onde tentamos conhecer um pouco das experiências individuais, das motivações e das mudanças que o engajamento causou nas vidas das mulheres e homens que entrevistamos. Nesse sentido, tentamos apresentar ao longo do texto as “pessoas por trás das ideias”.

Na conversa que abre a série, Rodrigo Santos entrevistou a pesquisadora e militante canadense Judith Marshall. Ao longo da entrevista, ela contou como saiu do Canadá e se envolveu em iniciativas de solidariedade em Gana e Moçambique, contribuindo para projetos de alfabetização de adultos neste último país.

Esta trajetória não apenas lhe permitiu visitar o Brasil e outros países da América Latina, como conhecer diferentes brasileiros que se exilaram no Canadá durante o período da ditadura. De volta ao Canadá, essa experiência se expandiu a partir do trabalho junto ao Fundo de Humanidade do sindicato United Steelworkers of America (USW), promovendo projetos de cooperação entre trabalhadores e comunidades afetadas mundialmente na cadeia siderúrgica.

A compra da mineradora canadense Inco, pela Vale, em 2006, fez com que o Brasil cruzasse o caminho de Judith novamente. Ela, então, se envolveu com a construção da Articulação Internacional das Atingidas e Atingidos pela Vale, criada em 2010, não apenas olhando Brasil e Canadá, mas também observando a Vale em Moçambique.

Finalmente, os desastres dos rompimentos das barragens em Mount Polley (Canadá, 2014), Mariana e Brumadinho (Brasil, 2015 e 2019) a fizeram pesquisar os contextos sociopolíticos desses dois países, fazendo dela uma das pessoas que melhor compreende suas semelhanças no que se refere à relação entre mineradoras e o Estado.

Esperamos que o conhecimento de uma trajetória de luta e produção intelectual tão inspiradora sirva de estímulo ao aprofundamento da investigação sobre a mineração no Brasil e encoraje o contínuo engajamento de lutadoras e lutadores sociais pela democratização e regulação da atividade mineral.

Uma ótima leitura!

Judith Marshall: histórias de luta e militância em Gana, Moçambique, Canadá e Brasil

Rodrigo Salles Pereira dos Santos

Rodrigo Santos: Esta é uma entrevista com Judith Marshall, que é pesquisadora associada da Universidade de York, Canadá. Gostaria de lhe pedir para se apresentar, Judith, e falar um pouco sobre sua trajetória, como foi a sua formação, seus anos como graduanda...

Judith Marshall: Eu cresci em uma família que tinha algumas raízes rurais no sul de Manitoba (Canadá), em comunidades agrícolas, mas me mudei para a cidade. Meu pai era um pastor, então eu acho que as preocupações com a justiça social fizeram parte da minha vida desde muito cedo.

Minha mãe ensinou em uma escola residencial para crianças indígenas. Naquela época no Canadá, o tratamento dos povos indígenas era basicamente de genocídio, quer dizer, forçando as famílias a mandar seus filhos para essas escolas. Então, ela saiu disso com uma solidariedade para toda a vida com as lutas dos povos indígenas.

Isso, olhando para trás, me ajudou a entender o país e seu colonialismo, e a realidade de pessoas como nossa família, imigrantes da Escócia, que éramos os colonos que vieram e não sabiam que estávamos tirando... não tínhamos conscientemente tirado terra

daqueles que eram os proprietários, os indígenas daquela terra, mas, na verdade, tínhamos [feito isso].

Mas [era] uma vida tipo classe média muito normal, crescendo em diferentes escolas, escolas secundárias. Muita música. Fui para a universidade e me formei em inglês, depois fui para Nova York (EUA), com este tipo de ideia vaga do porque eu queria fazer isso e estudar teologia, mas de um jeito ou de outro. Isto foi Nova York nos anos sessenta, entre a Teologia da Libertação e sua influência, e a Nova Esquerda política e movimentos sociais de qualquer tipo emergindo. Tudo. Desde o surgimento do movimento feminista, o surgimento do movimento negro pelos direitos civis, que já estava bem estabelecido, mas várias afirmações de reivindicações de participação na sociedade, até as internacionais.

Então, as primeiras marchas antiapartheid aconteceram provavelmente naqueles anos, e a África, de uma forma ou de outra, tornou-se um ponto central da minha vida. Durante os anos de formação, trabalhei no Harlem Oriental com grupos bastante interessantes de comunidades negras e hispânicas em Nova York, dentro do quadro da Teologia da Libertação, e acho que o interesse na história colonial da

África emerge de lá. E de alguns anos em Gana.

Rodrigo Santos: Então, houve um convite para você ir a Gana?

Judith Marshall: Não, não. Era um programa dirigido pela Igreja Presbiteriana chamado "Estagiário de Fronteira em Missão". Assim, as "fronteiras" eram destinadas a serem os lugares do mundo onde Deus estava promovendo a libertação. Portanto, este verdadeiro conceito de Teologia da Libertação acontecendo em todos os lugares e o papel da igreja era o de apoiá-la e celebrá-la.

E assim, havia pessoas neste programa que iam a todos os tipos de lugares. Uma pessoa foi designada à França para trabalhar com os dissidentes da guerra do Vietnã, como uma zona de libertação e um lugar de celebração e apoio. Algumas pessoas trabalharam na África do Sul, a África do Sul do apartheid.

Foi um programa inovador, e o meu foi feito para lidar com o impacto da tecnologia nas sociedades rurais: a represa do Rio Volta, em Gana, o maior lago construído pelo homem no mundo, um sonho do novo governo ganense independente de criar uma indústria integrada de alumínio. Oitenta mil pessoas reassentadas em 52 cidades, assentamentos ao redor do lago, e meu trabalho foi com a autoridade de reassentamento e com o Conselho Cristão de Gana para

desempenhar uma espécie de papel de advocacia com este povo, que havia sido reassentado.

Assim, de certa forma, os temas que me cativaram quando jovem ficariam comigo por toda minha vida, o trabalho de hoje ao redor da Vale e os reassentamentos... As coisas com as quais aprendi a me preocupar... talvez, a enorme necessidade das pessoas de ter o controle básico de suas próprias vidas e a arbitrariedade das terras, e reassentamentos de comunidades rurais por grandes projetos de infraestrutura ou projetos de mineração, eu meio que me empenhei nisso nos estágios iniciais e isso ficou comigo. Então, fiz isso por vários anos.

Assim, de certa forma, os temas que me cativaram quando jovem ficariam comigo por toda minha vida, o trabalho de hoje ao redor da Vale e os reassentamentos.

Rodrigo Santos: Você ficou em Gana por três anos?

Judith Marshall: Sim, de 1967 a 1970. E depois, não tendo

certeza do que eu queria fazer em seguida, voltei à escola, o que parece ser recorrente na minha vida. Fiz um segundo mestrado neste ponto, no Instituto de Estudos Sociais, em Haia (Holanda), uma tese sobre Gana, uma espécie de enquadramento marxista clássico do desenvolvimento e subdesenvolvimento no âmbito do colonialismo da história de Gana, mas fazendo sentido com o tempo que havia passado lá e as coisas que eu estava encontrando.

E então voltei para Toronto (Canadá), para onde minha família tinha se mudado. Até então, nunca tinha

morado em Toronto, mas foi para lá que voltei. E foi justamente na época em que pessoas que haviam trabalhado na Tanzânia por alguns anos e, depois, muito próximas aos movimentos de libertação na África, em particular à FRELIMO, a Frente de Libertação de Moçambique, haviam retornado também a Toronto, e assim criamos algo chamado "Comitê de Toronto para a Libertação das Colônias Africanas de Portugal", TCLPAC (risos)...

Anos interessantes tivemos por lá. Construímos um comitê educacional, um comitê de investimento e um comitê de arrecadação de fundos. Então, o comitê de arrecadação angariou fundos para comprar caminhões para a FRELIMO e as áreas libertadas de Moçambique. O comitê de investimento identificou empresas internacionais que estavam investindo nas colônias do Portugal como, por exemplo, Gulf Oil em Cabinda, Angola.

Era uma época em que no Canadá havia um forte movimento para dar sentido ao Canadá e à sua dependência dos EUA, e ao tipo de relação semicolonial que tínhamos com este gigante ao lado. Assim, havia uma ambiguidade: o Canadá estava sendo colonizado ou era de fato um colonizador em termos de suas relações com outros países? De qualquer forma, procuramos pontos de interesse que pudessem nos revelar muito sobre a dependência do Canadá, assim como fez sobre o que estava acontecendo na África.

Assim, por exemplo, uma campanha contra a Gulf Oil em Angola, em Cabinda, que estava prosperando apesar do embargo a projetos nessas, ainda, colônias de Portugal. E

fizemos isso com a ideia de que era importante para nós ver como a Gulf Oil estava tirando o petróleo de uma Angola colonizada, e trazendo para um pequeno porto no leste do Canadá todos os perigos do derramamento de óleo, toda a poluição da refinaria construída pelos cidadãos do Canadá, pois o petróleo acabou chegando à fronteira marítima oriental dos EUA; nenhum petróleo chegava ao Canadá. Então, [a ideia] era entender o sistema global, mesmo naquela época em que seus contornos talvez não fossem tão nitidamente definidos como são hoje.

Mas o comitê educacional era talvez o mais interessante, no sentido do nosso tipo de veículo principal ou algo que chamávamos de "cinema de solidariedade", e esta era a época em que os filmes do Terceiro Mundo não eram muito exibidos nas principais salas de cinema de Toronto. Então, era uma espécie de nicho de mercado, que não era exatamente conhecido na época. Mas nossa intenção era puramente educativa. Cada ciclo de "Cinema de Solidariedade" foi organizado em períodos de oito semanas, com a primeira e oitava semana sendo sempre sobre a luta de libertação africana, e a segunda e sétima semanas eram sobre libertação de todo tipo... as lutas trabalhistas, as lutas das mulheres. Também estava incluída a luta dos aborígenes no Canadá, uma vez que eles apresentaram uma declaração, chamada Declaração Dene, que era uma espécie de declaração de independência dos povos indígenas.

E Toronto estava cheia de exilados políticos naquela época, particularmente um influxo de chilenos após o golpe de 1973, mas

esse excedente do Chile incluía um número muito substancial de brasileiros que havia trabalhado lá e incluía [Herbert de Souza] Betinho e sua parceira Maria [Nakano], e outros que formaram o Ibase quando voltaram ao Brasil no início da década de 1980. Então, na noite em que exibimos filmes sobre a ditadura no Brasil e lutas contra isso, tivemos brasileiros para coordenar a discussão após o filme, e havia pessoas do Caribe com lutas caribenhas na época, chilenos obviamente, e vietnamitas.

Portanto, era um lugar de pensamento global, com certeza, e pensando no tipo de vínculos entre as múltiplas lutas de libertação. E então, quando Moçambique se tornou independente em 1975, esta ideia de um país que tínhamos trabalhado tanto também para fazer parte da libertação, mas neste país, às portas do apartheid, com uma taxa de analfabetismo de 92% e precisando de repente gerir tudo, desde os portos até a ferrovia, para alimentar o seu povo, etc. Por isso, muitas pessoas que vão lá e ajudam a construir o socialismo em Moçambique ajudam contra este tipo de situação de elefante-rato ou de Davi-Golias deste pequeno país com grandes ideias de uma espécie de transformação.

Rodrigo Santos: Neste ponto você pensou claramente em si mesma como uma socialista e, se sim, como essa autoconsciência veio para você?

Judith Marshall: Acho que nos anos de Nova York eu teria me identificado como socialista e, acho,

li muito mais quando estava trabalhando em uma tese na África, na Holanda. Mas sempre fui uma esquerdista independente, nunca fui membro de um partido político socialista ou comunista, mas fiz parte de movimentos de solidariedade e da vida política e cultural e intelectual da esquerda, leitora do socialismo da *Monthly Review*. Você sabe, meus fundamentos intelectuais e meus fundamentos políticos vêm de experiências de vida e não de uma vida dentro de um partido político.

Rodrigo Santos: Então, você estava falando da maneira como vocês fizeram tanto esforço para aumentar a autonomia de Moçambique, mesmo estando no Canadá neste momento e, de repente, aconteceu a independência e o que aconteceu para você ir a Moçambique?

Judith Marshall: Na verdade, tivemos esta delegação de alto nível de Angola visitando o Canadá através de um programa que criamos para eles para fazer contatos no Canadá, e incluímos o próprio Agostinho Neto, presidente do [Movimento Popular de Libertação de Angola] MPLA, e durante o intervalo de uma das reuniões alguém entrou na sala e disse: "Houve um golpe de Estado em Portugal". E os angolanos eram exatamente como... De repente, toda a vida deles foi virada de cabeça para baixo em termos de como responder a isso. Acho que isso aconteceu porque Angola foi tão contestada por três movimentos de libertação. Então, nada foi tão simples em termos do que eles estavam voltando a fazer.

Mas no que diz respeito a Moçambique, foi muito mais simples, e esse tipo de convite dos comitês de solidariedade para as pessoas irem trabalhar com eles em Moçambique, para consolidar a independência, era muito forte. Assim, havia lá muitos contingentes de muito... Quer dizer, eu acho que tanto o Partido Comunista Chileno quanto o Partido Socialista Chileno tinham vínculos diretos com a FRELIMO e canais para ter pessoas para ir e trabalhar em Moçambique. E muitos exilados da Argentina, do Brasil, do Chile, preenchendo antes seu período de exílio em algum país da Europa, por que não ajudar a construir o socialismo em Moçambique? Essa era a nossa lógica.

Portanto, anos interessantes lá, mas anos difíceis, anos decepcionantes. É difícil de acessar olhando para trás e talvez nem eu nem ninguém saiba definitivamente qual foi a gama de fatores que deu forma às coisas. Por um lado, o mundo inteiro mudou, o neoliberalismo em seu princípio, não há praticamente nenhum país ou qualquer persuasão política que tenha conseguido ficar fora da nova lógica que o neoliberalismo trouxe.

Rodrigo Santos: Então, neste ponto, a independência foi em 1975, você chegou a Moçambique...

Judith Marshall: Em 1978.

Rodrigo Santos: Em 1979, Margaret Thatcher torna-se a primeira-ministra do Reino Unido e Reagan torna-se presidente dos EUA em 1980. Para nós, no Brasil, o neoliberalismo levou mais algum tempo para começar a nos afetar, talvez cerca de 10 anos, algo assim. Como você sentiu aquela nova onda em Moçambique? E você manteve contato com sua organização canadense? Como estas coisas chegaram ao Canadá e a Moçambique?

Por um lado, o mundo inteiro mudou [...], não há praticamente nenhum país ou qualquer persuasão política que tenha conseguido ficar fora da nova lógica que o neoliberalismo trouxe.

Judith Marshall: Ok, vamos voltar à nova onda do neoliberalismo em um minuto. Mas eu acho que o que Moçambique sentiu pela primeira vez... nos primeiros anos foi o mesmo tipo de guerra de baixa intensidade que a Nicarágua sofreu. Quero dizer, você teve uma desestabilização econômica,

Moçambique estava muito integrado à África do Sul, que foi... Portugal passou por uma espécie de abertura nos últimos anos antes da independência, como uma forma de se mostrar como uma proteção mais forte à medida que a independência avançava pelo continente. Portanto, era fácil para a África do Sul...

Bem, as primeiras comunidades portuguesas eram de cerca de 200 mil em Moçambique e 90% delas fugiram após rumores de um banho de sangue, o que foi a última coisa na mente da FRELIMO, mas os rumores se

espalharam e muitos deles estavam indo para a África do Sul, que tinha um enorme assentamento português. Assim, muitos locais de trabalho e empresas industriais acabaram por abandonar [Moçambique]. Então, esse tipo de desestabilização em torno da economia, desinformação e rumores abundantes, uma espécie de força secreta chamada RENAMO [Resistência Nacional Moçambicana], que estava ligada às velhas forças de segurança antes do Zimbábue se tornar independente. E que estava começando a operar em Moçambique, e a África do Sul assumiu o apoio a essa força. Eles apenas realizavam ações genuinamente terroristas no campo, coisas feitas parcialmente para atacar pontos específicos de instalações de infraestrutura, mas parcialmente feitas apenas para aterrorizar, cortando a cabeça das pessoas e montando-as em um bastão, esse tipo de coisa. Uma enorme pressão da África do Sul.

E, curiosamente, o governo moçambicano pretendia sempre falar da grande vitória sobre o colonialismo português e da solidariedade pelo fim dos regimes restantes de minorias brancas e muito foi dito sobre o tipo de pressões da África do Sul. Mas se você vivesse lá como eu vivi depois de 1978, você sentiria isso, a escassez de alimentos e outras coisas que não funcionavam. Portanto, em termos de enfraquecimento do processo de consolidação da independência, que foi enorme, penso que provavelmente as próprias fraquezas internas da FRELIMO. Quero dizer, uma forma hierárquica de operação de cima para baixo. Eles fizeram uma coisa muito interessante após a independência,

que foi formar grupos dinamizadores em cada local de trabalho, em cada comunidade, como uma espécie de lugar para o protagonismo cidadão e conexão com o fluxo de informações de e para a FRELIMO.

Mas com o tempo, qualquer uma dessas iniciativas dos primeiros anos para formar o que eles chamavam de poder popular, do povo, começou a simplesmente desaparecer. E a hierarquia... Quero dizer, parte disso deriva do próprio estilo de Portugal. Foi um governo fascista que os manteve como uma colônia por tantos anos, e as hierarquias lá eram abundantes. Mas eu acho que a centralização excessiva da informação e do poder foi uma grande... e nunca realmente compreendendo a questão rural, a demasiada dependência dos conselheiros da União Soviética e da desindustrialização... Portanto, muitas dessas coisas.

Mas então, globalmente, esta oscilação do neoliberalismo, penso eu, como realmente entrou em Moçambique de forma importante foi através de programas de ajuste estrutural, porque estavam sempre presos entre sua intenção de criar um país socialista, de modo que a Guerra Fria Leste-Oeste era sempre um dilema, mas eles estavam recebendo menos apoio, nos anos 1980, tanto da Rússia quanto da China, que haviam sido apoiadoras durante a luta de libertação.

Nos anos coloniais, eles sempre dependeram de um grande número de pessoas, um grande número de trabalhadores migrantes que trabalhavam nas minas da África do Sul. Estas eram relações de governo a governo, nas quais o pagamento dos

trabalhadores migrantes ia diretamente da África do Sul para o governo colonial e os trabalhadores, que eram os trabalhadores migrantes, recebiam alguma parte do governo. Mas isso era um grande esforço financeiro para manter a colônia, e essa foi uma das primeiras coisas que a África do Sul cortou. Assim, se criou uma crise cambial de enormes proporções; eles estavam quebrados, então qualquer ajuda do Ocidente estava dependente de uma espécie de rejeição do socialismo.

Rodrigo Santos: Mesmo a ajuda internacional ao desenvolvimento por parte de ONGs era dependente do ajuste?

Judith Marshall: Não existiam muitas ONGs em Moçambique naqueles primeiros anos. Mas para conseguir qualquer tipo de... Uma vez que a crise real em termos de falência e sem moeda forte, qualquer capacidade de obter empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI) estava condicionada à adoção de programas de ajuste estrutural e, por fim, eles capitularam a isso.

Assim, um influxo maciço de pessoas do Banco Mundial e do FMI para o país e um enorme programa de privatização, embora um programa que alguns analistas tenham considerado hábil em algum medida, de modo que o governo e o pessoal do topo do Exército, e essas respectivas instituições, conseguiram se colocar nos conselhos de direção de muitas empresas privatizadas e fizeram com que a base de poder para sua acumulação se apresentasse como uma espécie de... Alguns até se dizem

"empresários patriotas" (risos), que é uma categoria bastante escorregadia, ser um "empresário patriota", mas é assim que eles se chamavam. Portanto, acho que os programas de ajuste estrutural foram os que os empurraram firmemente para o modelo neoliberal.

Mas escrevi recentemente sobre os investimentos em mineração em Moçambique a partir dos países do BRICS e, então, analisei os investimentos da Vale nas minas de carvão, os investimentos dos indianos também no setor de mineração e os investimentos da África do Sul. E no artigo, eu comparava [esses investimentos] com uma espécie de discurso que existia nos anos 1960 e 1970, quando esses países da África Austral embarcaram em suas lutas antiapartheid e de libertação nacional, quero dizer, foi aquela era da nova ordem econômica internacional.

A ONU de repente [aparecia] como uma grande força endossando lutas pelos direitos à autodeterminação dos povos, o apoio da ONU aos movimentos de libertação. Então, a FRELIMO e outros movimentos de libertação tinham escritórios em Nova York na ONU. Lembro-me de viajar aos países vizinhos naqueles anos, porque trabalhei para a Oxfam por um período, nunca lhe falei sobre isso (risos)... E você vai a uma recepção na Tanzânia ou na Zâmbia com alguém dos movimentos de libertação e eles são apresentados como líderes legítimos do povo de Moçambique ou Angola, quer dizer, eles gozavam deste tipo de status diplomático entre os países africanos na ONU e assim por diante.

Como cheguei a isso? (risos)... A partir de programas de ajuste estrutural, não tenho bem certeza...

Oh! Então, esse era o *ethos* daquele momento e era tudo sobre "desenvolvimento nacional", "planos nacionais de desenvolvimento", "recursos nacionais", uma visão de independência significando que aquele espaço em Moçambique, sobre o qual a FRELIMO dizia todos os dias "do Ruvuma ao Maputo", os dois rios do norte e do sul do país, e que, como um espaço, eles liberaram, e uma ideia de criar naquele espaço algo que atendesse às necessidades de seu povo e criasse esse espaço nacional.

O interessante que se vê nos investimentos em mineração contemporâneos é que quando há reunião entre governos, do Brasil e Moçambique, ou Índia e Moçambique, essa é a linguagem, intacta dos anos 1970, trata-se de solidariedade, trabalhando em parceria contra um Norte explorador com sua história de humilhação colonial e imperial. E ainda assim, as empresas que entram para criar as minas são apenas empresas mineradoras essencialmente neoliberais que operam em um discurso e estilo de operação de mineração global. Portanto, a distância entre este discurso altivo quando Modi visita, ou quando Lula visita, e o tipo de operação de extração de recursos é bastante dramática.

Você vê isso, na época em que a África do Sul se tornou independente ou acabou com o apartheid, eu me lembro de que nós tivemos um encontro com sindicalistas na Universidade de York, naquela época

com pessoas da África do Sul, incluindo pessoas do CNA [Congresso Nacional Africano], e o Canadá estava, na época, lutando com três acordos comerciais e tentando dar sentido a eles, porque os ajustes estruturais eram os principais instrumentos para aqueles acordos de livre comércio, instrumentos que entabavam este tipo de privilégio de investimentos que caracterizavam o neoliberalismo e que era o instrumento do norte. Mas naquele seminário, o delegado do CNA, e isso seria em 1993, portanto um ano antes das primeiras eleições na África do Sul, tinha como sua maior aspiração "tornar a África do Sul competitiva na economia global". Portanto, mais uma vez, não era uma visão de uma nação, e os recursos nacionais e a economia nacional, e os programas para o bem-estar das pessoas que habitavam aquela nação, era o dinheiro.

O projeto era de uma fundição de alumínio e Thabo Mbeki, na época presidente da África do Sul, foi a Gana para falar sobre isso, para dizer o quanto isso era animador, quando se combinava o alumínio produzido em Moçambique com o produzido na África do Sul, que representava – não me lembro agora a porcentagem – mas X % da produção global de alumínio. Portanto, esta ideia de extrativismo sendo o caminho a seguir para criar, para fazer uso dos recursos petrolíferos e minerais, para semear terra para a agroindústria, eu sei, foi absolutamente difundida em Moçambique em si e através da região da África Austral.

Rodrigo Santos: Gostaria de voltar um pouco, quando você foi a Moçambique e começou a trabalhar, como você disse, na educação dos trabalhadores. Você poderia nos falar um pouco mais sobre este trabalho, sobre porque você ficou lá por oito anos?

Judith Marshall: Fui contratada pelo Ministério da Educação e como parte da Direção Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos, a DNAEA. Logo na independência, logo no ano de transição, quando o golpe aconteceu, a primeira coisa que a FRELIMO fez foi realizar um chamado a todos que sabiam ler e escrever para ensinar a outras pessoas.

Assim, foi um período fascinante, em 1974 - 1975, de descentralização da alfabetização.

Qualquer um que soubesse ler e escrever português era... Inventaram uma

maneira de fazê-lo, então em algumas províncias as pessoas sabiam sobre Paulo Freire e desenvolveram um conjunto de palavras generativas, e tentaram ensinar um método de alfabetização a lá Paulo Freire.

Em alguns casos, era a alfabetização na língua materna, em alguns casos era a alfabetização em português, mas um verdadeiro veículo para que a energia das pessoas, logo após a

independência, fosse canalizada para aqueles que estavam... E o que era lindo nisso era que os alunos determinavam quem permitiriam ensiná-los, não era apenas... (risos) Meio que quebrou toda a lógica que muitas vezes está presente em nosso sistema educacional. Mas foi o espírito do momento após a independência.

E eles, quero dizer, as pessoas desses movimentos, defendiam um papel maior do Ministério da Educação. Olhando para trás, o livro que escrevi para minha tese de doutorado descreve tudo isso. Acho que realmente foi feito pelas razões certas; mas no final centralizou e criou algo que não podia realmente responder à diversidade do país e às necessidades das pessoas que eram analfabetas. Portanto, houve uma série de campanhas nacionais de alfabetização, tenho que olhar os anos exatos, mas isso seria mais ou menos 1981-1982.

Assim, foi um período fascinante, em 1974-1975, de descentralização da alfabetização. Qualquer um que soubesse ler e escrever português [...] desenvolveram um conjunto de palavras generativas, e tentaram ensinar um método de alfabetização a lá Paulo Freire.

E, mais uma vez, uma grande mistura de cooperação trazendo experiências diferentes sobre analfabetismo em diferentes partes do mundo. O livro de alfabetização foi composto por palavras generativas. A campanha nacional de alfabetização foi feita em português, que não era a língua materna da maioria dos 92% analfabetos. Como você pode imaginar, era impossível pensar em

uma campanha de alfabetização que fosse totalmente nacional e, em segundo lugar, algo como 28 línguas diferentes, algumas delas fortes, como o swahili, porque também envolve outros países, ou o zulu no Sul, por causa da população sul-africana que fala zulu. Mesmo que se dividisse em oito grupos, que seria tipo o mínimo, somente um linguista entenderia todos esses grupos linguísticos. O objetivo da alfabetização na língua materna é que uma pessoa alfabetizada comece a aprender a ler e escrever exatamente na língua que fala.

No final eles vieram com a ideia de uma campanha de alfabetização no local de trabalho em português e eu fiz parte da equipe que trabalhava com o novo currículo, e realizamos uma fase de avaliação quando monitoramos como estava funcionando, como os professores de alfabetização voluntários estavam indo em termos de ensino e como estavam trabalhando para os alunos. Então, durante alguns anos, passei muito tempo entrando e saindo de diferentes centros de alfabetização em nome do Ministério da Educação.

Rodrigo Santos: Todos eles em fábricas, este tipo de locais de trabalho?

Judith Marshall: Fábricas, quero dizer... Onde eu fiz os estudos etnográficos que fiz para minha tese foi um grande complexo alimentar, onde moíam farinha, faziam massas, etc... Mas havia outros em projetos rurais também, mas definitivamente em locais de trabalho integrados na economia nacional, de

uma forma ou de outra. Apesar de nunca ter sido colocado em palavras, quem sabe o quanto os gerentes apenas os viam como chaves para uma atividade maior de produção, se apenas conseguirmos esses trabalhadores e os tivermos, eles se tornarão alfabetizados.

Então eu fiz isso, e como você sabe que escrevi um livro sobre isso, eu provavelmente não deveria dizer muito sobre porque poderíamos ficar aqui até a meia-noite com todas as coisas que eu aprendi, que eu não achava que precisava aprender, mas descobri que o que você vê quando vai lá como representante do Ministro da Educação e avalia o uso de materiais e a eficácia dos professores é muito diferente do que você vê quando entra e sai por vários meses em um local de trabalho e ambos sentam nas aulas, fazem entrevistas com as pessoas sobre os significados que eles atribuem à alfabetização.

Descobri que, para o Ministério e do ponto de vista do governo, isso era apenas positivo, possibilitando que os trabalhadores se alfabetizassem em seus locais de trabalho, dando-lhes uma hora de trabalho e eles na hora do almoço, cinco dias por semana... mas quando você realmente os acompanha de volta a tudo o que eles fizeram no local de trabalho, você descobre que a cada dia, as duas horas que levaram para se alfabetizar, significava que seus colegas de trabalho ficaram naquela seção da fábrica fazendo a mesma quantidade de trabalho com menos pessoas, e eles realmente invejavam os analfabetos que podem ir para uma sala de aula tranquila e passar umas duas horas, sair do barulho, da poeira

verde, etc. Eu disse que não falaria sobre isso, mas...

Rodrigo Santos: Não, é fascinante...

Judith Marshall: De qualquer forma, fiz isso e voltei a Toronto e fiz o doutorado... Ops, eu esqueci uma coisa muito importante! No meio disso, tive outra dessas experiências de vida que tenho muita sorte de ter tido, que foi a de acompanhar quatro de instrutores de alfabetização moçambicanos numa visita de estudo para ver como se fazia a alfabetização na Nicarágua e Brasil.

Bem, foi um momento quando, em Moçambique, houve o 3º Congresso do Partido FRELIMO, quando foram feitas algumas críticas ao tipo de métodos de cima para baixo, a escolha pelas fazendas estatais em vez de apoiar a agricultura rural, e daí veio um momento para tentar revitalizar a alfabetização também. Um grupo ficou no Ministério, pesquisando a literatura. Outro grupo foi para Portugal e Guiné Bissau. Eu acompanhei um grupo que passou quatro meses na América Latina, dois meses na Nicarágua, tudo isso foi em 1985, seis semanas no Brasil e as duas últimas semanas na Argentina.

E no Brasil, durante as seis semanas foram duas, duas e duas: as primeiras

duas semanas em São Paulo, visitando centros de alfabetização na periferia de São Paulo e todo tipo de iniciativas locais, incluindo visitas às pessoas do centro que Paulo Freire formou quando voltou do exílio; duas semanas com o Ibase, velhos amigos dos dias em que se exilaram em Toronto; e duas semanas em Recife, mais uma vez analisando todo tipo de iniciativas do governo brasileiro naquele ponto em termos de coisas novas interessantes acontecendo na educação.

[...] a raça é algo que precisa ser trabalhado, posto à frente e reforçado o não-racismo, ou as raízes do racismo, ou o que significa estar do lado privilegiado do racismo ou do lado oprimido do racismo, é uma tarefa interminável porque continua a se reafirmar.

Rodrigo Santos: Então, depois disso você estava pronta para voltar também para Toronto?

Judith Marshall: Bem, eu acho que, na verdade, já em 1983, Moçambique estava mudando bastante. E chega um ponto, e eu estava lá já fazia muito tempo, em que você precisa pensar: "Ok, ou eu faço minha vida aqui e tomo decisões nessa direção, ou eu...". Percebi que estava perdendo muitas conexões de minha vida em Toronto ou no Canadá, então era hora de pensar sobre isso.

Mas, também, o que significa ser um expatriado, o que significa vir para outro processo político, outro país. Penso que nos primeiros tempos em Moçambique havia uma lógica de inclusão e um Moçambique "não-racial", como dizem. Não adequado, penso eu, a raça não desaparece, a

raça é algo que precisa ser trabalhado, posto à frente e reforçado o não-racismo, ou as raízes do racismo, ou o que significa estar do lado privilegiado do racismo ou do lado oprimido do racismo, é uma tarefa interminável porque continua a se reafirmar.

Nos primeiros tempos em Moçambique, a primeira liderança "executiva" incluía moçambicanos brancos de origem portuguesa, alguns dos líderes seniores da FRELIMO eram casados com, quero dizer, o primeiro presidente Eduardo Mondlane tinha casado com uma mulher americana, que era branca. Mas acho que a questão da raça começou a se reafirmar novamente, mas também nossos privilégios, nossos privilégios como estrangeiros, nossas opções, contra e como se integrar em um Ministério foi uma coisa na era do drama dos primeiros anos, quando não havia moçambicanos treinados por perto, mas então, em um momento, havia mais moçambicanos treinados com você atrapalhando, um expatriado que tinha todo tipo de oportunidade de treinamento e competências de outra vida e está apenas bloqueando, você sabe, todas essas questões...

Mas acho que, para ser honesta, foi apenas uma profunda decepção em como os pensamentos estavam indo politicamente e enquanto o processo de transformação original, a criatividade original, a participação em larga escala, sabe, claramente uma elite poderosa estava consolidando seu poder e não se tratava de transformação, era de acumulação, era tudo sobre construir uma grande casa para você mesmo, conseguir um carro novo para você

mesmo e ter certeza de que você vai conseguir uma viagem ao exterior, e assim por diante. Então, pensando no que você faria... Eu estava preocupada, vamos colocar dessa forma. Eu não saí, pedi uma licença de estudo, não consegui dizer a este Moçambique que me era tão querido que estava partindo.

E foi interessante que no meio do estudo veio esta viagem para o Ministério da Nicarágua, acompanhando a luta de alfabetização. Os nicaraguenses estavam avaliando cinco anos desde que houve uma cruzada de alfabetização que chamou a atenção do mundo. E a língua deles era toda de verticalidade e horizontalidade, tudo era meio deificado naquelas estruturas e os jovens instrutores moçambicanos que vieram comigo ficaram encantados com esta língua, era como se alguém lhes abrisse os olhos e eles a entendessem em termos de educação em sala de aula e da verticalidade disso, mas também o Ministério da Educação, a hierarquia, etc... Portanto, isso foi realmente interessante.

Quando começamos, estes instrutores que fizeram a visita de estudo tinham entre 25 e 29 anos na época, portanto, dez anos na construção do socialismo, e eu não podia acreditar naquelas palavras saindo da boca. Como o jovem de 25 anos que foi nomeado pelo Ministério como chefe do grupo, que tinha a menor experiência em alfabetização dentre os quatro, mas foi nomeado chefe do grupo só porque tinha mais anos de educação formal. Sua ideia do que significava ser chefe do grupo era conseguir que os outros carregassem

sua pasta, ponto final, nada mais, não analisar o que foi encontrado...

Eles foram solicitados, é claro, pelos nicaraguenses para contar sobre a alfabetização em Moçambique, quer dizer, eles eram pessoas das províncias que nunca, jamais, tiveram que descrever a ninguém o programa de alfabetização em Moçambique, e eu, do Comitê de Solidariedade, que durante uma década tinha ido e falado sobre educação nas áreas liberadas... "Feche a boca, Judith, não é sua história, é impensável para você"... Sabe, eu pude inserir algumas coisas à noite sobre o que poderia ser incluído. Mas, principalmente, eles eram apenas espontâneos, era a primeira vez na vida deles que tinham sido protagonistas do momento que estávamos vivendo e, com o passar do tempo, eles fizeram um excelente relato da educação em Moçambique.

No início, deixamos Maputo e voamos para Luanda e de Luanda para o Rio de Janeiro, onde no meio da noite Betinho e Maria estavam lá esperando por nós, mas eles nos levaram ao Panamá e depois à Nicarágua, e este jovem chefe do grupo me disse quando chegamos ao Panamá: "Uau, nós estávamos no Brasil! Brasil, a terra de Pelé, a terra de Milton Nascimento e chegamos lá e aprendemos que os negros brasileiros estavam sempre no fundo, os menos saudáveis, os salários mais baixos, o que é isso, Judith, por que os negros estão sempre no fundo, isso é sobre o clima"? "Não, Leonardo, não se trata de clima"...

Esta visita de estudo foi uma das coisas mais difíceis que já fiz em minha vida. Mas o que aconteceu foi que você os observa, você sabe... Eu tenho uma amiga em Toronto que

viveu na Nicarágua por algum tempo e ela não podia acreditar no que eu escrevi, na história que eu contei daquela viagem, como algo muito positivo, porque quando visitei a casa dela, fiquei como louca com os moçambicanos.

Mas, eles foram crescendo durante os quatro meses. Na última noite, eu estava voltando ao Canadá para meus estudos e eles estavam voltando a Moçambique, eu os ouvi falando: "Nós vamos voltar e as coisas vão ser como antes, eles vão nos mandar de volta para as províncias como se não soubéssemos nada e não tivéssemos nada a dizer, e eles vão até esquecer que é Natal e que devemos ficar presos em Maputo e não estar em casa no Natal".

No regresso, os quatro iriam fazer parte de um novo centro de treinamento de alfabetizadores em um lugar no centro do país. "Quero dizer, o que faremos quando chegarmos lá? Não podemos simplesmente voltar, e vomitar tudo que aprendemos aqui e esperar que as pessoas absorvam. Como podemos montar um processo para que eles aprendam o que aprendemos"? Eles aprenderam! Eles voltaram para aquele centro e eram como dinamite, acho que a coisa mais radical que eles fizeram foi fechar a sala de jantar exclusiva dos instrutores e disseram: "Somos uma comunidade de pessoas que alfabetizam, ou todos comemos bem ou todos comemos mal, mas não temos hierarquia superior". E em Moçambique em 1985 para fazer isso foi...

Rodrigo Santos: Algo revolucionário.

Judith Marshall: Sim, sim...

Rodrigo Santos: Essa é uma experiência incrível. Então, você voltou para o Canadá e depois...

Judith Marshall: E terminei o doutorado... Oh, não! Voltei para o Canadá e depois, acho eu voltei e fiz o trabalho de campo em Moçambique para a tese, o estudo etnográfico em um centro de alfabetização numa fábrica. E isso foi incrível de se fazer. Mas também consolidou que não havia um motivo para eu voltar a Moçambique, em parte o que mostrou em termos do programa de alfabetização foi exatamente como... Eu tinha concebido uma tese e o trabalho de campo como um estudo etnográfico de um programa social que era fundamental para o projeto maior de transformação e construção do socialismo e, assim, vê-lo realmente em primeira mão no ambiente da fábrica, em um só lugar, revelou uma enorme quantidade do projeto maior, e voltar e trabalhar novamente no campo da alfabetização me fez... Nessa altura já era menos, e menos atenção sendo dada à alfabetização, menos e menos recursos, menos espaço, menos tudo. Assim, fiquei no Canadá, trabalhei como freelancer por alguns anos...

Rodrigo Santos: Deixe-me só perguntar uma coisa, talvez seja apenas uma questão de curiosidade, seu doutorado foi sua primeira formação em sociologia,

ou seu mestrado já era em sociologia?

Judith Marshall: Em termos formais eu não tinha feito quase nada em sociologia, tinha feito apenas uma tese sobre a igreja e a sociedade que realmente tinha muito conteúdo sociológico.

Rodrigo Santos: Mas no doutorado você disse que estava em um programa educacional e depois começou a ter cursos, as pessoas lhe pediram para ter cursos de sociologia...

Judith Marshall: Sim, eu me inscrevi, me candidatei para fazer o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de Toronto. Isto foi feito no Instituto de Estudos da Educação de Ontário, conhecido como OISE. Estive oficialmente no Departamento de Educação de Adultos, mas tive acesso aos cursos nos outros departamentos. Então, eu me vi fazendo os cursos que eu estava realmente aprendendo no Departamento de Sociologia na Educação e querendo ter essas pessoas na minha banca de defesa. Então eu fiz o pedido formal para mudar e foi levantada uma preocupação com o conteúdo real de sociologia que eu tinha. Bastou aumentar o número de disciplinas antes de apresentar a tese. Mas acho que sempre fui uma estudiosa eclética, podemos dizer que sim.

Acho que tive um falso começo porque quando fui à universidade pela primeira vez, não sei porque pensei que poderia fazer isso, mas fiz

um curso extra em meu primeiro ano e para meu horror absoluto, nos primeiros exames intermediários, fui reprovada em meu exame de filosofia... Então, em vez de fazer uma coisa sensata, que seria abandonar a filosofia e continuar os outros cinco cursos, eu abandonei a antropologia! Acho que foram mais ou menos as decisões de vida que me tomaram muito tempo para voltar nessa direção, sabe, porque depois disso tudo e do longo período na África, o estudo de Gana sobre desenvolvimento e subdesenvolvimento, houve um verdadeiro tipo antropológico de... Eu passei muito tempo em aldeias africanas, mais do que muitas pessoas fazem para uma tese de doutorado, mas em nome da defesa deste grande projeto industrial.

Rodrigo Santos: Então, neste ponto você acabou de terminar seu doutorado e está falando sobre o que ia fazer para trabalhar depois dele.

Judith Marshall: Eu ainda estava muito concentrada na educação, então fiz algum trabalho para o Conselho Internacional sobre Educação de Adultos, organizei uma conferência internacional de alfabetização em Namíbia, poucas coisas assim, mas estava basicamente indo de um projeto para outro. E alguns amigos disseram que os trabalhadores siderúrgicos estavam procurando alguém que soubesse muito sobre educação, educação popular, que soubesse muito sobre desenvolvimento internacional. Eles ofereceram um contrato de curto

prazo, de dez meses, para 80% do meu tempo para construir os materiais curriculares do curso para os trabalhadores siderúrgicos. Então fui para a entrevista, e foi talvez como nossa conversa de hoje, porque durou cinco horas. O chefe do fundo de solidariedade estava meio apaixonado pela ideia das ONGs, acho que ele pensou na minha experiência como uma espécie de algo exótico. Como eu lhe disse todas as coisas que eu fiz, e assim por diante. Estava vendo isto apenas como uma entrevista para um trabalho e já tinha ido umas cinco horas, então disse a ele: "Isso significa que eu consegui o emprego?" (risos) De qualquer forma, eu comecei a trabalhar...

Rodrigo Santos: Quando foi isso?

Judith Marshall: Em 1991.

Rodrigo Santos: Então, você começou a trabalhar e preparou o material curricular e depois desse contrato de curto prazo...

Judith Marshall: Então, eles decidiram que queriam expandir o programa para a África e, é claro, eu sabia muito sobre a África. Quando eu trabalhava para a Oxfam, eu tinha viajado para a Zâmbia, Tanzânia e África do Sul e vivido em Moçambique e Gana, então eu obviamente sabia muito sobre a África e o desenvolvimento, então... E acho que durante tudo isso eu estava, em diferentes pontos, escrevendo e publicando sobre a África, fazendo capítulos e coletâneas

com outras pessoas. Eu não me via exatamente como uma acadêmica ou uma escritora mas, na verdade, escrevia um pouco.

Uma das coisas quando eu estava trabalhando como freelancer foi um estudo para o Instituto Norte-Sul, eles queriam fazer um estudo sobre o efeito social do ajuste estrutural, então eu fiz um estudo sobre Moçambique para eles... Assim, tornou-se um trabalho em tempo integral. Continuou porque o trabalho incluía a educação dos membros e o desenvolvimento do curso e intercâmbios, e o desenvolvimento do programa da África Austral. Assim, a partir de então, todo ano, eu ia para a África do Sul e Moçambique.

Rodrigo Santos: Qual era o interesse dos trabalhadores siderúrgicos nesta época, eles queriam trocar e oferecer algum tipo de educação para os trabalhadores na África do Sul?

Judith Marshall: O Fundo Humanitário dos siderúrgicos foi criado em 1984, em resposta à grande fome na Etiópia. A fome coincidiu com um momento nas comunicações globais que acabou projetando isso para a sala de estar de todos no Canadá, essa grotesca realidade de fome na Etiópia. E as pessoas estavam se esforçando para encontrar respostas. Então alguém do United

Steelworkers (USW) veio com esta ideia: "por que não criamos um fundo para a humanidade"? Essa espécie de ONG dentro do USW, porque os trabalhadores siderúrgicos confrontados com tragédias, fome, o que quer que seja, não tendem a doar para as grandes instituições de caridade, como a Cruz Vermelha e a Oxfam, "mas vamos construir um veículo de trabalho e construir uma negociação interconectada". Assim, os trabalhadores siderúrgicos afiliados ao USW vão para a mesa de negociação e podem incluir uma demanda de barganha para criar um fundo de humanidade e se isso passar, em uma hora um centavo está sendo revertido para o fundo de humanidade, e é deduzido do cheque de salário dos trabalhadores, e a administração da empresa emite um cheque com um centavo por hora. Para um trabalhador individual, 20 dólares por ano não é nada. Multiplicado por

muitos trabalhadores, cria um fundo com orçamento razoável, especialmente porque o governo canadense naquela altura estava oferecendo contrapartidas.

Rodrigo Santos: Isso existe até hoje?

Judith Marshall: Sim, sim. Mas cada um dos fundos laborais se desenvolveu de forma bastante

Eu tentei passar a semana que os trabalhadores tinham naquele curso para ajudá-los a ver que o Norte-Sul era uma maneira de olhar para o mundo, que havia muito Sul dentro do Norte e muito Norte dentro do Sul.

diferente, se alguém fizesse uma história sobre fundos, descobriria esse fato. E não há dúvida de que com esta trajetória de minha vida eu acabei por aproveitar para também moldar o que o fundo fez, e outra pessoa pode fazer com que ele tome uma direção muito diferente. Eu o assumi, vendo como uma espécie de atividade quase “subversiva” e estava pensando: “Ok, eu vou propor, sugerir tudo que eu acho que seria bom e alguém não vai gostar e me despedirá depois de alguns anos, e isso seria um bom capítulo da minha vida”.

Rodrigo Santos: Parece que você tinha muita autonomia para propor projetos... Quais você acha que são os destaques destes anos, que tipo de projeto foi algo que realmente chamou a atenção?

Judith Marshall: Eu acho que o curso para os membros foi bom. Como nós chamávamos de "Pensando Norte-Sul". Eu tentei passar a semana que os trabalhadores tinham naquele curso para ajudá-los a ver que o Norte-Sul era uma maneira de olhar para o mundo, que havia muito Sul dentro do Norte e muito Norte dentro do Sul. Se olharmos para o México e pensarmos na pobreza, sentimos falta de Carlos Slim e bilionários, se olharmos apenas para o Canadá e vemos trabalhadores siderúrgicos trabalhando para a Inco em Sudbury, sentimos falta do fato de que há desabrigados em Toronto e que no centro da cidade de Vancouver, do lado leste, há mulheres indígenas em grande número em situações desesperadoras.

Mas percebo agora, mais do que havia percebido na época, que era terrível que, isto era 1992, portanto, claramente, entre aquele momento e 2019 este ritmo da investida do neoliberalismo contra o trabalho aumentou ainda mais, mas é terrível que em nenhum lugar do USW, que é um sindicato que se orgulha de fazer muita educação, em nenhum lugar havia nada que estivesse olhando para a globalização e seu impacto sobre o trabalho. Portanto, a realidade do... Nas estatísticas que registrei, a mina da Inco em Sudbury, comprada pela Vale, passou de 23.400 trabalhadores empregados diretamente, todos na unidade de negociação, para 2.200 ao longo de um período de vinte anos. E em Sudbury hoje, sejam os trabalhadores da unidade de negociação, sejam os trabalhadores mineiros de chão da mina, alegam odiar os trabalhadores subcontratados e fazem coisas estúpidas para sabotar seu trabalho... Quero dizer, quão estúpido é isso? Aquela enorme mudança que a gerência havia empurrado para ter cada vez menos trabalhadores contratados diretamente e mais e mais pessoas para que eles pudessem utilizar como uma torneira...

Rodrigo Santos: Então, neste ponto o USW não tinha nenhum... a estrutura não estava baseada nesta ideia de que a produção global está geograficamente dispersa e funcionalmente integrada, como se toda esta ideia de que a economia estivesse passando para uma abordagem de cadeia de valor não fosse algo importante para o sindicato?

Judith Marshall: Não, e quero dizer, pense no quão louco é tentar barganhar com essas empresas hoje em dia se você não está pensando nessas coisas. Tenho a impressão que o USW em Quebec (Metалlos) tratou a globalização com mais seriedade, incluindo seminários pelos gerentes para entender seu impacto. Há um tipo de cultura política em Quebec que é apenas diferente de qualquer outro lugar do país e se reflete também no sindicalismo, mas eles, talvez em parte porque sentiram esse tipo de mentalidade de fortaleza, que eram eles contra o resto do Canadá, o que diz fortemente, emerge da história de Quebec, mas ainda forma coisas contemporâneas, mas sei que eles...

Bem, tenho a sensação de que o pessoal sênior de lá realmente trabalha como uma equipe e fez treinamento de pessoal de uma maneira séria. Portanto, apenas, para o pessoal, como um seminário sobre globalização quando eles chamavam as pessoas e, você sabe... E você não conseguiu nada disso no Escritório Nacional e eu não acho que outro distrito no oeste do Canadá, aqui em Vancouver, tenha realmente operado de maneira semelhante.

Então, no curso “Pensando Norte-Sul” tínhamos uma semana de apresentações, vídeos, leituras, teatro, tudo problematizando o mundo globalizando atual. Tivemos sempre convidados do Sul, vozes do Sul na sala com você, porque as pessoas... A ingenuidade de sua ignorância! Como uma vez tivemos uma mulher do Zimbábue e alguém falou: "Eu nunca soube que havia mulheres africanas que sabem ler e escrever"... Uau! Eles não percebiam o tipo de ignorância

terrível que muitas pessoas têm. Eu acho que, às vezes, eu esqueço que eu, não por projeto, mas um pouco por acaso, esbarrei em muitas curvas de aprendizagem íngremes como uma mulher muito jovem, como o que eu estava encontrando e continuei inventando maneiras de ter mais disso. Mas, quando uma declaração como essa sai, quero dizer, uau! Como é seu mundo ou como se sente com esse nível de profunda ignorância? Mas é o que torna tudo mais fácil...

Houve encontro do Conselho do Fundo Humanitário em 1992 quando um membro do Conselho, trabalhador da Mineradora Teck, avisou o Conselho que só ia manter as doações dos membros se conseguisse enfrentar questões internacionais na mesma maneira que os membros. Na província mineira da Colúmbia Britânica, os membros estavam enfrentando as questões-chaves, como os Acordos de Livre Comércio com o Chile. O Chile, porque as mineradoras na Colúmbia Britânica estavam enviando todo o seu equipamento de exploração para novos projetos lá.

Em resposta, o Fundo de Humanidade organizou visitas de intercâmbio, juntando mineiros chilenos com os seus homólogos com o mesmo empregador. Às vezes, funcionava, às vezes não.

Organizei uma viagem para um trabalhador mineiro ao Peru porque a empresa mineira onde trabalhava, a Teck, tinha duas minas no Chile e outra no Peru e eu queria que ele entendesse o “império Teck” e como eles estavam sendo jogados uns contra os outros. Quero dizer, até mesmo os gerentes júniores, de forma

bastante rotineira, diziam: “Se você não aceitar fazer isso aqui, nós vamos simplesmente fechar esta operação aqui e vamos nos mudar para o Peru, e eles vão fazer isso lá”. Então, decidi enviá-lo e organizei as coisas com o sindicato no Peru para recebê-lo, para levá-lo à mina, para encontrar os trabalhadores na mina e assim por diante, ter alguma noção da tecnologia que os técnicos peruanos eles estavam usando...

Mas, então, eu estava preocupada que talvez ele não percebesse a realidade da pobreza no Peru e, por isso, inclui também uma visita a uma “Cozinha Comunitária” num bairro pobre... E quando ele voltou para casa, era só sobre a pobreza que ele queria falar, porque isso se encaixava no mundo norte-sul na sua cabeça. Ele, como pessoa do Norte – rico, desenvolvido, organizado – só descrevia um Sul imaginário – pobre, atrasado, corrupto. Só viu um Sul com pobreza, porque não sabia como explicar um Sul com técnicos competentes, manejando tecnologias sofisticadas. Mas aquele mundo de uma empresa que está se tornando global, como ela funciona e o que...

Houve outro intercâmbio com um trabalhador mineiro de Highland Valley Copper em Kamloops, que era tão brilhante e era o que estava conectado com o Chile. E ele entendeu absolutamente o que devia ser feito... Eu não soube disso até mais tarde, acho que foi há vinte anos... Eu estava com câncer de mama e acho que tive um pequeno período de quimiofobia e só soube anos mais tarde que este trabalhador de Kamloops tinha tomado a iniciativa de ir à Direção Nacional do USW e os incentivar a pensar em

estabelecer um escritório em Santiago e tentar encontrar uma maneira de o sindicato lidar com a empresa Teck, que tem minas no Canadá, Peru e Chile. Mas eles não fizeram isso. Acho que a única maneira que a liderança do USW entendia esse tipo de coisa era com base em um “suposto” poder, pelo número de membros....

Rodrigo Santos: É bastante surpreendente, foi um momento em que acontecia uma fusão entre as federações sindicais em nível global e você vai ter a IndustriALL. O USW sempre operou em uma base nacional, ou binacional, nos EUA e no Canadá, e levou mais tempo para que os Steelworkers percebessem o que estava acontecendo. Os sindicatos na Europa já estavam entendendo o espírito da época, de certa forma.

Judith Marshall: Mas acho que os esforços da IndustriALL em estabelecer esses conselhos, em reunir trabalhadores do mesmo empregador, exortando ou promovendo reuniões que reunissem trabalhadores, acho que estávamos no caminho errado. Lembro-me que a primeira reunião que fizemos no Brasil, com os trabalhadores da Gerdau, tinha esta enorme folha de papel na parede e estava apenas fazendo uma comparação das condições dos trabalhadores da Gerdau, comparando salários, embora imediatamente as pessoas dissessem para ter muito cuidado com isso, você precisa de uma comparação do poder de compra, mas, eu sei, comparando saúde e segurança, comparando,

comparando... Nunca ninguém, naquela reunião, entrou na própria mente corporativa, ou nas estruturas em mudança da corporação, estavam olhando apenas para uma agenda de barganha. Como se isso fosse a coisa mais importante para entender do ponto de vista da mudança do governo e da corporação, o que um acordo de livre comércio traz para a mesa, ou um acordo de proteção ao investimento, todas essas coisas. Eles não entenderam... Eles conseguiram isso, em termos de reunir os trabalhadores com um empregador comum, mas o que faltava em termos do que era mais importante aprender juntos quando você estava naquele grupo.

Rodrigo Santos: Você se lembra quando foi aquela primeira reunião no Brasil com Gerdau?

Judith Marshall: Foi depois de uma das reuniões da ALCA no Chile. Acho que posso descobrir...

Rodrigo Santos: Algo apenas para tentar encaixar em algum momento.

Judith Marshall: Início da década de 1990.

Rodrigo Santos: Ok. E quando você acha que este tipo de percepção do que estava acontecendo em termos do novo momento das corporações no cenário global chegou até você? Como foi o desenvolvimento da

percepção deste cenário? Você estava lendo sobre essas coisas?

Judith Marshall: Eu não sei. Eu acho que David Harvey. Com certeza dele, eu acho, um livro intitulado apenas "Neoliberalismo". Isso mudou a lacuna entre governo e corporação. A realidade de captura regulatória em que o Estado abandona a proteção não só do trabalhador, mas também da comunidade e do meio ambiente. E isso está muito além do doutorado e não consigo me lembrar bem o que me fez gravitar nessa direção.

Mas é isto que eu meio que esquematizei aqui no início do artigo, aquela primeira seção do artigo. Mas acho que o que realmente me impressiona agora é o... Bem, eu falo muito sobre Harvey em termos de olhar para aquele estudo comparativo de Mariana e Mount Polley, o reconhecimento do Estado abdicando completamente e não fazendo nenhum papel na defesa dos trabalhadores ou comunidades. Mas isso que esse cara do Social Register colocou, não é que Harvey... Bem, acho que é útil falar sobre o Estado... Ou é perigoso falar como se tivesse sido um papel reduzido e melhor falar como um papel diferente.

Porque a princípio eu estava imaginando como se fosse um papel reduzido, mas acho que o que eu perdi foi que o novo papel do Estado, apenas prover este tipo de infraestrutura que as corporações dizem querer, perde o papel discursivo que elas desempenham. Como elas nos moldam para aceitar o mundo como mercantilizado, e isso é uma parte realmente importante da qual que eu quero pensar mais e

escrever mais. Mas também, apenas trabalhar sempre com uma definição ampla do Estado, o que não é novidade em dizer isso. Mas eu observei as pessoas aqui, talvez particularmente no mundo do ativismo na mineração, com esta ideia de que o foco do que seu ativismo está fazendo deveria ser tentar influenciar a política do Estado e criar vontade política para fazer algo diferente. Acho que isso é uma bobagem.

As corporações têm sido eficazes na captura do Estado e na compreensão real do tipo de papel discursivo que desempenham, mas também da importância de todas as outras instituições, porque não se trata da captura de um governo provincial e federal eleito, é o que está acontecendo com a mídia, é o que está acontecendo com as universidades, é o que está acontecendo com as igrejas. Há tantos lugares onde o poder está sendo negociado para frente e para trás, e como ativista, para limitar nosso ativismo a imaginar que uma petição para pedir algo ao governo é uma coisa muito significativa a se fazer. E para se sentir melhor a respeito disso.

É por isso que eu gosto de saber que a Direção da Anglo American foi bater

na porta do Vaticano, quer dizer, eles estão sentindo o calor! E, como uma ativista da mineração, você imagina que essas grandes empresas de mineração são totalmente impermeáveis, então é bom saber que elas estão monitorando com muito cuidado.

As corporações têm sido eficazes na captura do Estado e na compreensão real do tipo de papel discursivo que desempenham, mas também da importância de todas as outras instituições, porque não se trata da captura de um governo provincial e federal eleito, é o que está acontecendo com a mídia, é o que está acontecendo com as universidades, é o que está acontecendo com as igrejas

Rodrigo Santos: Definitivamente, a percepção da corporação como uma estrutura que impulsiona a institucionalização específica do neoliberalismo é algo muito importante. Já a vi falando sobre isso, escrevendo sobre isso. Como isso enquadrou a sua, de certa forma, passagem dos trabalhadores siderúrgicos para ser um ativista em questões de mineração? Porque a Rede Internacional de Pessoas Afetadas pela Vale tem apenas dez anos, mas você vem abordando este tipo de questões ainda antes disso. Como pensa, retrospectivamente, sobre este caminho?

Judith Marshall: Eu acho que talvez a influência das pessoas com quem fiz o doutorado – Philip Corrigan e Dorothy Smith. E depois algumas

delas, eu suponho, é apenas o tempo do pós-reforma para ler. Suponho que algumas conferências no Instituto de Estudos Econômicos e Sociais de Moçambique, mesmo não exigindo nada teórico de vanguarda. Mas apenas na leitura e na preparação de coisas para algumas delas. Acho que minha própria curiosidade intelectual e curiosidade política saíram disso. Acho que não vi isso claramente quando estava no USW, e não consigo decidir se fiquei mais esperta ou se eles ficaram mais burros, mas me parece horrível que os sindicatos estejam tão cegos para a corrente acontecendo ao seu redor, cegos para as táticas de seus empregadores, sejam eles mineradores ou o que for. Então, isso é um pouco uma lamentação como resposta à sua pergunta, mas... Uma coisa leva a outra. Alguém me pediu para fazer algo sobre o USW em uma conferência trabalhista e ir à sua classe...

Rodrigo Santos: Quando foi isso?

Judith Marshall: Cinco anos atrás, talvez. Fui à aula e tirei a lista de leitura, ela tinha outros artigos de David Harvey sobre isso, e certas coisas com as quais me deparei deram apenas um clique: "oh, sim, como eu não entendia que era sobre isso que se tratava?". Então, acho que já li muito mesmo desde a aposentadoria, cinco anos atrás. Tem sido uma jornada intelectual e política animada em termos de aprendizagem de novos pensamentos. Mas sempre me aplicando à prática, porque tive uma experiência tão rica ao longo dos anos em termos de muitos lugares e,

você sabe, um envolvimento profundo em muitos lugares e processos diferentes e por isso um enquadramento que faz sentido imediatamente... Não é apenas um enquadramento abstrato, mas um enquadramento que faz sentido imediatamente nos lugares onde estive e nas conversas que tive e coisas assim.

Rodrigo Santos: Bem, você está dizendo "esse tipo de sentido", uma compreensão mais teórica do que você está fazendo veio depois de sua prática, então você poderia falar um pouco mais sobre o tempo específico em que você estava entrando nesse tipo de ativismo com organizações mineradoras e um pouco sobre a criação da Rede Internacional de Pessoas Afetadas pela Vale? Ou quando a Vale se tornou algo importante em sua vida?

Judith Marshall: As conexões do Brasil sempre foram fortes. Então, há uma que eu não mencionei que foi mais ou menos... Nos anos anteriores à Vale, quando a CNM-CUT era muito dinâmica, eles tinham um projeto chamado "Projeto Integrar" em um ponto que...

Rodrigo Santos: Eu trabalhei nesse projeto fazendo entrevistas.

Judith Marshall: Sim?

Rodrigo Santos: Quando eu era graduando (risos).

Judith Marshall: Então, Fernando Lopes, é quem você conhecia nisso?

Rodrigo Santos: Não, não... Eu era apenas um entrevistador. Minha orientadora no meu curso de graduação, Bárbara França, era quem tinha contato com a CUT e esse tipo de coisa. Eu não estava realmente em contato com eles, mas tive que entrevistar alguns dos sindicalistas.

Judith Marshall: Eu achei um programa fantástico. A conceituação era trabalhar com trabalhadores siderúrgicos que estavam desempregados e dizer-lhes que "não é um programa para conseguir seu emprego, isto é desemprego estrutural, aqueles empregos na siderurgia não estão voltando, mas você tem sido um membro e queremos equipá-lo para o que o mundo vai trazer a seguir".

Tivemos muito a ver com Solange, uma mulher de Porto Alegre, que fazia parte desse programa, e Fernando Lopes, que então estava no Escritório Nacional da CNM-CUT. Acho que me lembrou de alguma forma certas ideias que haviam sido tentadas em Moçambique logo após a independência, de cursos rápidos e intensos com trabalhadores nas fábricas. Mas isso no Brasil, quero dizer, mudar o currículo conforme as pessoas iam para o próximo estágio da educação formal escolar, matemática, ou geografia, ou história, era tudo sobre desemprego. Eles se tornaram os especialistas em desemprego e o que isso significava e como se sentiam, e a ideia de seu

papel como protagonistas. Quem o definiu, com quem eles queriam falar, quem poderia ter as respostas para o porquê disso ou quem poderia ter empregos, então, queremos conhecer a câmara de comércio, queremos conhecer...

E esse tipo de criatividade do programa que acabei de descobrir, foi incrível. Acho que nunca, como Fundo de Humanidade, apoiamos, mas conversamos sobre isso, porque isso é tão bom... Bem, eu fiz.

E há outro bom amigo, um educador trabalhista, que conheço há anos e que também passou anos e anos na América Latina e era muito próximo do Betinho, quando ele estava em Toronto. Ele e eu estamos sempre sintonizados com o que está acontecendo no Brasil. Então isso me fez pensar na siderurgia do Brasil, mas isso meio que morreu e nunca entendi bem... Acho que fui pressionada a votar. Um voto para a articulação. Tipo, Danilo Chammas estava dentro... e alguém... ele é advogado e estava estudando em Ottawa. Entrou em contato comigo, de alguma forma, eu não o procurei porque eu não sabia que estava lá, mas ele de alguma forma o fez, e nós conversamos.

Rodrigo Santos: Isto foi em 2009, alguma coisa assim?

Judith Marshall: Provavelmente, sim. E então Ana Garcia estava em York (Canadá). E, em algum momento, ela entrou em contato. Mas eles arranjaram esta coisa de me enviar este convite com este livro autografado pelos líderes da Conlutas em... Foi numa época em que havia

uma aliança entre os líderes da Conlutas em Itabira.

Rodrigo Santos: Congonhas?

Judith Marshall: Sim.

Rodrigo Santos: Valério e Jerônimo provavelmente muito envolvidos nisso.

Judith Marshall: Sim, Valério é um que eu vim a conhecer (risos). Valério veio ao Canadá e nós o levamos para as reuniões do G-20. Enfim, Valério foi um dos escritores do livro e eles eram quatro líderes daqueles dois sindicatos do Metabase e, é claro, todos em português. Eu nunca entendi bem, eu me senti puxada para algo, mas nunca perguntei porque estava tão interessada no que eu estava sendo puxada, então. (risos) Mas o que aconteceu foi que quando a Vale comprou a Inco e Leo Gerrard, que é este rapaz de Sudbury, você sabe, seu pai trabalhou na mina, e depois se tornou diretor nacional canadense e depois diretor internacional. Mas Leo, de maneira típica, disse: "Bem, vamos colocar tudo em ordem e teremos uma reunião, para convidar todos os líderes trabalhistas que estão ligados à Vale no Brasil". Então, houve uma reunião em Sudbury, e foi quando contrataram Carolyn [Kazdin] para ser a representante do USW no Brasil.

Rodrigo Santos: Não havia representação do USW no Brasil até aquele momento?

Judith Marshall: Bem, a USW certamente não tinha tido ninguém trabalhando diretamente no Brasil. E, de maneira típica, os canadenses tinham uma conexão de longa data com o Brasil. Na verdade, fizemos algo em 2001 naquela cúpula das Américas na cidade de Quebec, onde fizemos uma grande noite sobre as corporações transnacionais e os vínculos. E Fernando Lopes foi um dos principais protagonistas disso e da CNM-CUT.

Eu andei para frente e para trás, e nos tornamos amigos pessoais. Naquela época eu e meu sobrinho, Jama, fomos passar Carnaval em Bahia com Fernando e a sua família.

Até o momento em que Vale comprou a Inco, o relacionamento com Brasil foi principalmente com a CNM/CUT e afiliados do International Metalworkers' Federation (IMF), mais tarde IndustriALL Global Union. Com a greve em Sudbury, em 2009, com a presidência de USW Internacional nas mãos de Leo Gerard, o papel do Fundo de Humanidade tornou-se secundário.

Acho que tenho meu nariz na Articulação [Internacional das Atingidas e Atingidos pela Vale] pelo fato de que de repente Carolyn deveria ser a única que sabia alguma coisa sobre o Brasil, e tudo tinha que ser canalizado através dela, então... Ela tinha trabalhado no centro AFL-CIO no Brasil e estava feliz em assumir este cargo com o USW e desempenhar este papel. Uma das suas primeiras ações depois do começo da greve foi a organização de uma visita de intercâmbio do Didi Travesso do CONLUTAS. Ele visitou os grevistas numa zona remota na

província de Newfoundland e foi recebido com placas a dizer “Brasileiros, voltem para casa.” Quem melhor do que Didi para utilizar isso para o momento da aula de formação política? [...] Bem, talvez ela tivesse que fazê-lo porque estamos falando da Vale, e os únicos dois sindicatos na época que estavam questionando a Vale, de qualquer forma, eram Congonhas e Itabira, então seria muito estranho para... De qualquer forma, era interessante que isso fizesse parte. Mas ela nunca... Oh, não, talvez ela estivesse naquela primeira reunião internacional... De qualquer forma, tivemos a reunião em Sudbury e...

Rodrigo Santos: Quando foi isso?

Judith Marshall: Provavelmente em 2009.

Rodrigo Santos: O primeiro encontro internacional?

Judith Marshall: Sim. E tinha muitos líderes sindicais diferentes do Brasil, mas ficou claro que nenhum deles era na verdade... Mesmo a CUT, o sindicato de Carajás era filiado à CUT, mas durante vinte anos eles tiveram Macarrão e assim por diante. Então eu estava, como que, para saber quem está do outro lado da mesa de vocês deu o nome da organização.

Rodrigo Santos: Que tipo de impressão esses líderes brasileiros causaram nos trabalhadores siderúrgicos? As pessoas sabiam

sobre a Vale e o que a Vale estava fazendo no Brasil?

Judith Marshall: Não. O trabalho internacional nos sindicatos é tão estilizado, formalizado... Você tem perguntas simplificadas como "quantos membros você representa"? E do lado dos sindicatos, eles não eram vistos em dimensões que tinham a ver com a importância de entender o neoliberalismo e os meios da Vale. Não. Seria: “Que tipo de minério? Quantos membros? Como era o acordo coletivo”. Como reduzi-lo a um mundo sindical estreito e estar completamente confuso.

Porque os indicadores no Canadá e os indicadores no Brasil são tão diferentes e a realidade é que nenhum dos sindicatos no Brasil tem uma presença no local de trabalho como é normal para o USW ter em um determinado local de trabalho. Do lado do sindicato você tem a diretoria eleita, talvez oito ou dez pessoas, e é normal ter pelo menos duas delas que trabalham em tempo integral em assuntos sindicais e são pagas qualquer que seja a taxa salarial quando estavam na força de trabalho como os mais velhos ou como o que quer que seja, eles ainda entram na folha de pagamento da empresa, mas trabalham em tempo integral para o sindicato, portanto é a diretoria eleita.

Em seguida, há os representantes sindicais, a cada vinte e cinco ou trinta trabalhadores há um representante sindical, e depois há o Comitê de Saúde e Segurança, ao qual o USW dá muita atenção e aqueles do Comitê de Saúde e Segurança têm verdadeira experiência técnica dos membros. Algumas

peças que se dedicam a isso acham realmente interessante, passam suas noites na internet, têm as últimas novidades em respiradores, dados atualizados sobre doenças ocupacionais e assim por diante. É apenas uma área de especialização, mas uma área de cogestão séria, de modo que todas as inspeções lá são acompanhadas por membros do sindicato.

Em essência, isso significa que não é um momento, não há um turno, não há uma equipe de trabalho no local de trabalho que não tenha alguém lá com o olho do sindicato em alguma função, seja você em Saúde e Segurança, seja você um representante sindical.

Então, isso deixou a Vale louca, não é como a vida deveria ser, ter esse tipo de... Mas, quantas pessoas naquelas reuniões formais entre líderes trabalhistas chegaram a esbarrar nessa diferença fundamental? Da vida sindical no Brasil e da vida sindical no Canadá. Posso dizer muito sobre o que parece no Canadá, apesar da longa associação com tudo isso, ainda acho mais difícil entender realmente a interação entre o próprio local de trabalho no Brasil e depois como os sindicatos, você sabe...

Rodrigo Santos: Sim, é definitivamente... A comunicação é algo que pode ser bastante problemático. Às vezes você tem greves contra as orientações dos sindicatos, esse tipo de coisa.

Judith Marshall: Eu não sei como... Sei de tudo isso porque vivi tudo, esbarrei em tudo e juntei tudo, escrevo sobre isso. Mas quem precisa saber sobre isso não é Judith Marshall, que não precisa trabalhar na mina ou não trabalha para o USW. Quem precisa saber disso e entender isso e desenvolver estratégias sobre como contrariar isso, vive a vida de um líder trabalhista e nunca esbarra nela. É isso que é tão horrível.

Sei de tudo isso porque vivi tudo, esbarrei em tudo e juntei tudo, escrevo sobre isso. Mas quem precisa saber sobre isso não é Judith Marshall, que não precisa trabalhar na mina ou não trabalha para o USW. Quem precisa saber disso e entender isso e desenvolver estratégias sobre como contrariar isso, vive a vida de um líder trabalhista [...]

Rodrigo Santos: É uma pena, realmente. Bem, estamos perto de duas horas, é uma conversa incrível. Só para nós terminarmos: quando aquela coisa surgiu, toda aquela ideia de criar uma rede internacional?

Você foi para as caravanas no Brasil? Então, como você viu isso surgindo e como passou a participar dessa rede?

Judith Marshall: Essa primeira reunião foi... Na primeira reunião em Sudbury, a promessa tinha sido que os brasileiros nos convidariam a

voltar no ano seguinte e depois não ouvimos nada e o pensamento de todos era "isso não vai acontecer, esses sindicatos não representam muitos trabalhadores nas minas e não são muito fortes". Talvez essa reunião tenha sido em 2008, talvez tenha levado um pouco de tempo para...

Então, quando chegou este convite para esta outra reunião, e foi quando tanto Ana Garcia como Danilo Chammas conversaram comigo e recebemos este pequeno livro, eles estavam trabalhando nele. E eu estava pegando as munições que eles me deram e trabalhando no sindicato para levar as pessoas até lá. Então, nós conseguimos levar as pessoas lá. Tivemos sorte porque conseguimos duas pessoas lá, uma delas era da mina em Sudbury e a outra era da fundição da Vale em Port Colborne, eles se divertiram muito naquela caravana. Ana Garcia fazia parte dela, com sua jovem filha, que fez a sirene, aposto que ela estava lá. De qualquer forma, boas pessoas na caravana. E esses dois canadenses eram ambos, provavelmente, bem altos, grandes... E eles tiraram fotos em edifícios em Minas Gerais com portas muito baixas para eles e camas nas quais não cabiam. O adorável era que não eram os trabalhadores siderúrgicos típicos, eles apenas passavam tempos juntos.

Rodrigo Santos: Quem eram esses homens? Você se lembra dos nomes deles?

Judith Marshall: Jamie West foi a pessoa de Sudbury. Tentamos que Ana se encontrasse com ele quando ela estava em Toronto há pouco

tempo, porque ele agora é deputado eleito na província de Ontário.

De qualquer forma, há fotos deles indo onde estávamos acomodados e uma porta que subia para ouvir sobre eles ou uma porta ruim onde seus pés estavam pendurados. E eles apenas tiravam fotos no telefone. [...].

Jamie quando foi para Itabira, ele estava apenas "oh, a mina está aqui e minha casa...". Sabe, o senso de... Então, eles realmente absorveram muito, gostaram e então quando chegamos no Rio, fizemos aquela pequena ação na frente da casa do presidente da Vale.

Bem, o evento realmente funcionou para eles. E Jamie foi realmente... Acho que quando Valério visitou o Canadá mais tarde em 2010, por ocasião das reuniões do G-20, Jamie me disse: "Sabe Judith, antes de eu ir ao Brasil se me pedissem para programar esta visita de Valério, minha ideia teria sido apenas levá-lo para o piquete e levá-lo para a sede do sindicato, mas depois que eu fui ao Brasil eu entendi que eu tinha que incluir muito mais na visita. Então, eu o levei para ver um grupo que faz trabalho ambiental por causa do impacto destas minas sobre o meio ambiente, eu queria que ele entendesse a pobreza em Sudbury".

Rodrigo Santos: É completamente diferente.

Judith Marshall: Os outros lá em cima o odeiam, porque ele é atencioso, sensível, inteligente, lê. Há pouco tempo, porque Ana estava na cidade para algumas reuniões e ele se lembrava dela especialmente porque

ela estava lá com sua filha e, a certa altura, ela nos ensinou a todos sobre... "esta é uma responsabilidade coletiva de fazer uma boa visita para sua filha".

Isto foi agradável. A reunião funcionou para eles, mas poucos canais para fazê-la. E depois entrou em toda essa lógica perversa do USW. Internamente, qualquer viagem é entendida como uma recompensa pelo bom comportamento e lealdade ao diretor, o que provavelmente acontece em muitas organizações. De qualquer forma, é muito prevalecente no USW.

Portanto, para tentar construir uma rede e realmente conectar os trabalhadores em uma mina ou local de trabalho no Canadá de forma contínua, quero dizer, não se faz isso em uma viagem, mas o Fundo da Humanidade financiava o mesmo sindicato local, financiando viagens para o mesmo sindicato local. Então, você realmente teve que se contentar com o financiamento local, que eles têm, eles não têm poucos recursos, mas não estão acostumados a gastar seu dinheiro em trabalho internacional, e muitos membros "nhem, nhem, nhem por que não estamos gastando com a pobreza em casa e por que não estamos gastando na contratação de um advogado para fazer esta reclamação sobre...".

No final eles o empurraram para ser o chefe do Conselho Trabalhista de Sudbury por vários anos, mas ainda era o diretor de Saúde e Segurança dentro da mina. Na última vez que nos encontramos, ele me disse algo que me arrepiou, como era difícil ser chefe do Conselho de Saúde e Segurança, porque essa dinâmica de ter todos esses subcontratados. Então

um trabalhador vai e trabalha em alguma seção da mina e há algum problema com alguns dos equipamentos que podem ser potencialmente perigosos e ficar fora de controle, e eles meio que... "Ok, bem, eu não voltarei a essa seção por mais quinze dias, vou deixar agora e ver o que acontece porque não estarei aqui se algo der errado". As minas são gigantescas e muitas coisas podem acontecer se um não proteger o outro, quero dizer, a solidariedade nessa dimensão prática é realmente necessária para torná-la um lugar seguro. E essa estupidez de odiar subcontratados e não ter um senso de solidariedade que continua sendo reforçado por todas as pessoas, de modo que você realmente deixaria as situações e não faria nada a respeito.

Mas também antes da vinda da Vale, você sabe, que o sindicato tinha uma política onde, por qualquer trabalhador, em qualquer ponto que visse algo que fosse um perigo potencial pudesse entrar em contato com o supervisor e relatá-lo, você não precisava passar pela hierarquia e pelo Comitê de Saúde e Segurança. A Vale obliterava isso. O fato de que eles tiveram essas quatro fatalidades em quase, bem, em sucessão muito rápida, absolutamente porque removeram algumas das práticas de Saúde e Segurança que existiam, e eles fizeram essas outras coisas estúpidas. Havia um elaborado sistema de queixas negociado no acordo coletivo com etapas nas queixas, e as queixas que eram pequenas coisas foram colocadas em queixas que poderiam ser resolvidas ali mesmo entre o trabalhador e o supervisor imediato. E assim, você pode imaginar, acalme as tensões, as

irritações sobre algo porque você pode resolvê-lo na hora.

A Vale se recusou a resolver qualquer reclamação, então cada reclamação foi passada adiante, então se tornaram reclamações da etapa 6 que tiveram que ser resolvidas por um árbitro. Portanto, deixar as coisas mais rápidas como forma de criar um local de trabalho perigoso foi brilhante.

Rodrigo Santos: E, é claro, está completamente relacionado ao controle do local de trabalho, e a Vale não consegue lidar com a divisão do poder no local de trabalho, por isso a empresa está tão acostumada a isso que teve que implantar isso no Canadá. E eles tiveram bastante sucesso.

Judith Marshall: Não me lembro se John Peters escreveu sobre isso especificamente, mas ele seria o tipo de pessoa que, como esse tipo de... Mas acho que não há ninguém entre o USW que lhe contaria essa história e isso é tão ridículo. Eu nem sou... Eu sou uma forasteira.

Rodrigo Santos: Isso é uma pena. E é por isso que eu acho a tese do Thiago Aguiar tão importante. Ele definitivamente precisa encontrar uma maneira de publicar algumas dessas coisas em inglês, especialmente nas revistas canadenses. Vou entrar em contato com ele e ver se podemos ao menos conseguir algum tipo de contato. Porque ele descreve em detalhes esse tipo de coisa.

Judith Marshall: Oh, eu adoraria lê-lo.

Rodrigo Santos: Judith, eu acho que é tudo. É claro que você tem muitas coisas para contar e estou muito interessado, mas definitivamente o objetivo desta entrevista foi alcançado. Muito obrigado por compartilhar suas ideias. E, é claro, sua trajetória é algo surpreendente, é realmente incrível. É uma forma de viver a vida que é muito admirável, definitivamente, muito obrigado.

Judith Marshall: Não é uma vida planejada. Eu meio que vivo migrando de uma coisa à outra que resulta em uma colcha rica. Sou muito privilegiada por fazer parte das experiências e parte das vidas, você sabe, apenas amizades profundas com pessoas de diferentes partes do mundo.

Rodrigo Santos: Essa é uma trajetória muito comprometida com as lutas sociais. É isso que faz as coisas se encaixarem, talvez. Muito obrigado.

Créditos

Entrevistador: Rodrigo S. P. Santos (Professor PPGSA/UFRJ)

Doutor em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integra o Grupo de Pesquisa e Extensão Política, Economia, Mineração e Ambiente e Sociedade (PoEMAS) e coordena os grupos de pesquisa Desenvolvimento, Trabalho e Ambiente (DTA). E-mail: santosrodrigosp@gmail.com

Transcrição: Antonio Canha (Doutorando PPGSA/UFRJ)

Tradução: Tayná Mendes (Mestranda PPGSA/UFRJ)

Revisão: Bruno Milanez (Professor PPGEU/UFJF)

A entrevista foi realizada em 5 de junho de 2018 na University of British Columbia (UBC), em Vancouver (Canadá). Rodrigo S. P. Santos agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo apoio financeiro que permitiu sua realização, por meio da bolsa de pesquisa Jovem Cientista do Nosso Estado n. JCNE-203.218/2017.